

ENTRE SER E NÃO SER: OBSERVAÇÕES SOBRE A PRESENÇA DE LGBT'S EM UMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO DE REDENÇÃO – CEARÁ

Antoniel do Nascimento Vidal

RESUMO: Este presente artigo possui a finalidade de compreender e gerar reflexões sobre a presença de LGBT's na escola, pensando no aspecto de ausência e inclusão desses sujeitos no espaço escolar. Dentro disso, a pesquisa se deu em uma escola estadual de Ensino Médio, localizada na cidade de Redenção - Ceará, possibilitada pela disciplina de Estágio Supervisionado em Sociologia I e pelo Programa de Residência Pedagógica, na qual, viabilizou um período de observações do espaço escolar dentro do ambiente de sala de aula, como do espaço geral que engloba a instituição. Metodologicamente, a técnica de observação participante foi o meio principal de captação dos dados que originaram esta pesquisa. Como resultado final, se observa que a escola se mostra como um espaço de docilização e disciplinamento dos corpos de sujeitos LGBT's, dificultando a visibilidade de reconhecer esses sujeitos no ambiente interno da instituição.

Palavras-Chave: LGBT. Gênero e Escola. Visibilidade LGBT. Educação.

ABSTRACT: This article aims to understand and generate reflections about the presence of LGBT 's in school, thinking about the aspect of absence and inclusion of these subjects in the school space. The research was carried out in a State High School, located in the city of Redenção - Ceará, made possible by the discipline of Supervised Internship in Sociology I and by the Pedagogical Residency Program, in which, it enabled a period of observations of the school space within the classroom environment, and of the general space that encompasses the institution. Methodologically, the technique of participant observation was the main means of capturing the data that originated this research. As a final result, it can be observed that the school shows itself as a space of docilization and disciplining of the bodies of LGBT subjects, making it difficult to recognize these subjects in the institution's internal environment.

Keywords: LGBT. Gender and School. LGBT visibility. Education.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade com padrões de comportamento normatizados e institucionalizados. É notável o quanto os papéis de gênero e sexualidade, tema deste artigo, podem ser condicionados aos corpos por influência do coletivo social. Nesse sentido, partimos da ideia de que existem papéis comportamentais padronizados instituídos e exigidos para uma “boa convivência” entre os sujeitos em sociedade, desde o nascimento de cada indivíduo, seja

este menino ou menina; de modo que passam a ser exigidas ações comportamentais orientadas à cada gênero, estas submetidas a uma estrutura reguladora altamente rígida (BUTLER, 2015).

Por conseguinte, meninos devem performatizar práticas associadas ao seu gênero masculino e, meninas, ao seu gênero feminino, agindo em diferentes ambientes de acordo com regulações da coerência de gênero, sendo a instituição escolar um desses ambientes de manutenção da ação controlada e disciplinada. Nessa perspectiva de nascimento e formação dos sujeitos, afirma Bento (2011, p. 550) que

A materialidade do corpo só adquire vida inteligível quando se anuncia o sexo do feto. Toda a eficácia simbólica das palavras proferidas pelo/a médico/a está em seu poder mágico de gerar expectativas que serão materializadas posteriormente em brinquedos, cores, modelos de roupas e projetos para o/a futuro/a filho/a antes mesmo de o corpo vir ao mundo. Quando a criança nasce, encontrará uma complexa rede de desejos e expectativas para seu futuro, levando-se em consideração para projetá-la o fato de ser um/a menino/ menina, ou seja, ser um corpo que tem um/a pênis/vagina. Essas expectativas são estruturadas numa complexa rede de pressuposições sobre comportamentos, gostos e subjetividades que acabam por antecipar o efeito que se supunha causa.

Ao se destacar os fatores de comportamentos impostos socialmente, é importante compreender que gênero não deve ser pensado unicamente como parte de uma construção social, como um mero condicionante atrelado às condições biologizantes. Gênero diz respeito às concepções culturais criadas socialmente que arbitram sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Refere-se às origens sociais das identidades subjetivas, tornando-se uma categoria social imposta sobre os corpos sexuais (SCOTT, 1995), uma disputa que é política. Em complementaridade, Butler (2015) afirma que sexo e gênero são fatores distintos, porém carregados de condicionantes sociais que os põem em condição de relação. Portanto, assim como o gênero, o sexo também é uma formulação culturalmente criada sobre o biológico, cujo caráter discursivo dissimula uma aparência ingênita; pois sexo é tão culturalmente construído quanto o gênero. Butler (2015, p. 25-26) relata que

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo.

Por conseguinte, ao entendermos a composição cultural de sexo e gênero que são marcadores dos corpos de sujeitos que compõem um coletivo social, assim como existem regramentos que buscam organização e controle de ações desordenadas, este mesmo coletivo impõe um conjunto de normas que devem ser seguidas por indivíduos, em consonância com sexo e gênero instituídos socialmente. Logo, quando não seguidas as normas, atitudes de repulsa

e violências - físicas e/ou psicológicas - tornam-se comuns, tendo em vista a reparação social e moral de ações danosas ao padrão normalizador dos condicionantes de gênero. O público LGBTQI+¹ torna-se alvo dessas tentativas de controle e violência, em diferentes espaços, sejam estes na igreja, casa, trabalho e escola, sendo este último, um dos ambientes no qual se torna mais efetiva a condição de violência reparativa.

Ao apontar a escola como uma instituição na qual se busca manter controle dos corpos dos sujeitos e seus padrões de gênero, leva-se em consideração toda uma perspectiva de Michel Foucault acerca da disciplina, na qual os corpos são orientados e disciplinados conforme uma estrutura social. Esse fator que está presente nas instituições escolares é a posição panóptica que serve como um sistema de vigilância que busca garantir a efetividade de comportamentos que são esperados no meio social, ou seja, possuir atitudes comportamentais que não fujam de um padrão estabelecido. O panoptismo presente nas escolas, além de possuir as funções antes destacadas, desejam propor soluções disciplinares àqueles/as que se desviam das regras exigidas em contexto educacional². Portanto, Foucault (2014, p. 196) afirma que:

Uma sujeição real nasce mecanicamente de uma relação fictícia. De modo que não é necessário recorrer à força para obrigar o condenado ao bom comportamento, o louco à calma, o operário ao trabalho, o escolar à aplicação, o doente à observância das receitas.

Dentro do que foi apresentado, este presente artigo visa apresentar observações sobre a presença de LGBT's em uma Escola de Ensino Médio, localizada na cidade de Redenção - CE, especificamente, buscando pensar a perspectiva de inclusão e manifestação de estudantes LGBT's na instituição de ensino. A análise acerca da livre manifestação de sujeitos de orientação sexual oposta à matriz heterossexual em espaço de pluralidade de identidades foi motivada a partir da experiência de observação proposta na disciplina de Estágio Supervisionado em Sociologia I do referido curso, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, assim como, a partir do Programa de Residência Pedagógica, os quais propiciaram maior tempo de imersão na instituição de ensino. Diante de tais observações, de caráter metodológico participativo, percebe-se o quanto a presença de indivíduos LGBT's é ausente e/ou não percebida.

Quando se pensa na ausência e/ou silenciamento da orientação sexual de sujeitos LGBT's na escola, tal indagamento surge por não conseguirmos perceber essas sexualidades dissidentes

¹ Termo designado para representar Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, Queer, Intersexuais, estando a presença do “+” para designar que existem outras formas de orientação sexual que a sigla emprega.

² Deve-se pensar nos sujeitos LGBTQI+ que compõem à escola, na qual são induzidos/as a manterem um comportamento disciplinado as suas condições de gênero, ocorrendo a presença de práticas homofóbicas contra esses sujeitos, motivado por um “desvio” socialmente considerado.

em ambiente escolar durante o período das observações de campo. Portanto, o processo de imersão em ambiente escolar proposto pelo estágio supervisionado e o Programa de Residência Pedagógica foram essenciais para realização desta pesquisa, tendo em vista que havia a possibilidade de permanência, por longos períodos, na escola. Desse modo, se reflete sobre a necessidade de se abordarem mais questões de gênero e sexualidade em sala de aula, para que os estudantes possam se sentir acolhidos no que tange as suas orientações sexuais.

2 SER LGBT NA ESCOLA: ENTRE A (IN)VISIBILIDADE CONSTANTE

Durante o processo de entrada em ambiente escolar, a fim de realizar observações iniciais deste espaço, é evidente e notável uma tensão interna, tendo em vista que a profissão docente torna-se algo novo a ser aprendido no cotidiano, propiciado pelas disciplinas de Estágio Supervisionado e pelo Programa de Residência Pedagógica. Para além desse sentimento de tensão, surge outro fator, a própria orientação sexual do estagiário docente. Como será a recepção e visão dos/as estudantes que acompanharemos ao longo de todo esse percurso de aprendizado? O estagiário docente poderá sofrer alguma sanção em razão de sua orientação sexual? Desse modo, cabe mencionar, esse questionamento que fomentará as observações que foram realizadas, surgiu a partir de uma prévia experiência docente em outra instituição de ensino, na qual houve questionamento por parte de discentes acerca da orientação sexual do estagiário.

Ao nos depararmos com essa interpelação, nos perguntamos a razão do incômodo acerca do estagiário docente ser homossexual. Tal surpresa nos levou às perguntas: “onde estão os LGBT’s desta escola?”. Esse indágamento emerge a partir da não percepção destes sujeitos em ambiente escolar, talvez por fecharem seus corpos e modificarem comportamentos por medo de repressões, tal como em um momento anterior foi pressentido e verificado por nós.

É evidente que o corpo, socialmente e culturalmente, é afetado de modo direto, forçando o sujeito a se integrar numa onda de regramentos e condutas que são construídas e institucionalizadas nessas instâncias. Desse modo, a partir de uma abordagem de gênero, ao nascer, automaticamente somos condicionados/as à uma heterossexualidade compulsória³ (RICH, 2012), que regulamenta nossos comportamentos à uma norma de gênero padrão, ou

³ Socialmente, cria-se a ideia de que, ao nascimento, seja menino ou menina, o sexo será condicionante fundamental de uma orientação sexual heterossexual. Os indivíduos, ao saírem dessa norma esperada, acabam que por sofrerem reparações, advindos de instituições sociais, como a escola, igreja e, até mesmo, dentro da própria relação familiar.

então, conforme socialmente percebido, “normal”. Logo, quando um coletivo de sujeitos não se apropria e/ou não consegue se adequar à esses regulamentos, torna-se alvo de repressões. Entende-se que o corpo se traduz como um espaço de intervenção cultural, impondo limites de atuação, principalmente quando se destaca fatores de gênero e sexualidade como modos de comportamentos naturalizados. Desse modo, Goellner (2013, p. 30) afirma que

[...] mais do que um dado natural cuja materialidade nos presentifica no mundo, o corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc. Não é portanto algo dado a *priori* nem mesmo universal: o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações, que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz.

Nessa perspectiva de corpo e atuação diante de um meio social no qual o sujeito se encontra inserido, torna-se comum e naturalizado condutas notadas como aceitáveis e normais. Dentro disso, ambientes escolares assumem uma forma de instituição normalizadora⁴ e disciplinar de comportamentos vistos como desviantes. Neste aspecto disciplinar dos corpos, surge a problemática da homofobia/lesbofobia/transfobia como forma de repressão de sujeitos fora da norma heterossexual, vindas, na maioria das vezes, por meio de insultos e piadas que estigmatizam, tornando-se capazes de construir um aprisionamento de identidades. Em complementaridade, Junqueira (2009, p. 214) afirma que

Não por acaso, tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais são constantes na vida escolar das pessoas que de algum modo são identificadas como LGBT ou, mais genericamente, como não-heterossexuais. Estas pessoas vêm-se, desde cedo, às voltas com uma “pedagogia do insulto”, constituída de piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes.

Na escola, a homofobia e outras expressões são consentidas e ensinadas, expressando-se pelo desprezo, imposição do sujeito ao ridículo, assim como pelo afastamento. É como pensar que a homossexualidade é “contagiosa”, a ponto de ser viral como uma doença, resistindo em aproximação desses indivíduos que se intitulam como tais, pois, a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade⁵ (LOURO, 2015). Desse modo, quando se pensa o aspecto de inclusão de sujeitos fora da heteronorma em ambiente escolar, Reis (2015, p. 56) afirma que

⁴Busca-se retratar essa condição, pois, é evidente que muitas instituições escolares assumem um papel de abertura e aceitação à sujeitos LGBT's apenas em papel, não pondo em prática uma política de respeito em ambiente interno.

⁵ Neste ponto, não somente sujeitos LGBT's podem ser alvos de prática homofóbica. Indivíduos heterossexuais que tenham maior aproximação com LGBT's também podem ser alvos de comentários distorcidos. Entende-se popularmente que a aproximação faz tornar-se.

Já na escola secundária, agora na fase da adolescência, a pressão exercida pela heteronorma aumenta, tanto para quem está descobrindo sua orientação sexual ou identidade de gênero não heterossexual, como por parte de outros(as) estudantes e familiares e suas expectativas quanto ao seguimento da heteronorma. As consequências para os(as) estudantes LGBT podem incluir a exclusão social, a violência psicológica e física, a rejeição, o isolamento, a ocultação da sexualidade e até o suicídio.

Quanto ao último aspecto citado anteriormente, destacando as consequências da não inclusão de sujeitos LGBT's na escola, proporcionando um bem-estar e aceitação coletiva, originada, na maioria das vezes, por meio de alunos/as, professores/as e funcionários/as em geral, o suicídio torna-se uma porta de entrada quando o sujeito não se sente acolhido. Borrillo (2015, p. 101) constata que

Em uma sociedade em que os ideais de natureza sexual e afetiva são construídos com base na superioridade psicológica e cultural da heterossexualidade, parece difícil esquivar os conflitos interiores resultantes de uma não adequação a tais valores. Além disso, os gays e as lésbicas crescem em um ambiente que desenvolve abertamente sua hostilidade anti-homossexual. A interiorização dessa violência, sob a forma de insultos, injúrias, afirmações desdenhosas, condenações morais ou atitudes compassivas, impele um grande número de homossexuais a lutar contra seus desejos, provocando, às vezes, graves distúrbios psicológicos, tais como sentimentos de culpa, ansiedade, vergonha e depressão. O estereótipo ainda disseminado sobre o homossexual incapaz de ter uma vida afetiva plenamente desenvolvida, sem família nem filhos, e sendo levado a terminar seus dias em uma solidão insuportável - aliviada às vezes, pelo suicídio - obceca a mente de numerosos gays que, para evitar esse “destino trágico” envolvem-se em uma tentativa de rejeição de sua própria sexualidade⁶.

Desse modo, um sujeito que não se enquadre nas normas de heterossexualidade, ao perceber que a aceitação social não é algo que se possa esperar, existe um (re)aprisionamento de sua identidade, construída com base em sua orientação sexual divergente da normalidade, como já referido. Logo, existe uma concepção popular de que o sujeito ao “assumir”⁷ sua condição de LGBT está “saindo do armário”⁸. Porém, enfrentando e convivendo com inúmeras situações nas quais reprima sua forma de ser em sociedade, é evidente que muitos sujeitos podem retornar de onde saíram: o armário. Este retorno, ou melhor, fechamento identitário, é

⁶ Essa prática de homofobia internalizada, não é somente percebida por sujeitos LGBT's na escola, assim como em instituições religiosas, assim como dentro do espaço familiar, na qual, busca cultivar uma concepção heterossexual como condição para a prosperidade. Desse modo, o sujeito que não se adequa nessas condições, ao não se achar aceito, acaba que por contrair distúrbios psicológicos - em último caso, o suicídio como porta de saída -, devido não se considerar normal diante de discursos de normalidade de corpos.

⁷ Este termo popular: “assumir”, deve ser pensado, pois, quando uma pessoa LGBT conta publicamente sua orientação sexual e identidade de gênero, este/a não está assumindo um crime e/ou erro, mas, apenas informando sua condição de gênero. Portanto, o termo “assumir” deve ser pensado como uma palavra que impõe uma concepção de posição de errado/a frente à sociedade e suas normas.

⁸ Sobre a categoria “armário”, Eve Kosofsky Sedgwick, poeta e crítica literária norte-americana, escreve que há uma “elasticidade mortífera da presunção heterossexista” (2007, p. 22) que transforma o armário em uma estrutura definidora da opressão gay no século XX.

uma forma de criar uma barreira que o/a impeça de sofrer repressões, ocasionados pelo medo de serem alvo de violência.

Conforme apresentado ao longo deste tópico, deve-se observar que existem conjuntos de condições que orientam os sujeitos à caminharem em específico rumo. Porém, quando o sujeito se desvia, é comum que seja alvo de comentários jocosos, tendo estes a finalidade de reparação, na busca de reconduzi-lo/a ao caminho ‘correto’, qual seja, da norma estabelecida. Nas concepções de gênero não é diferente. Ou seja, se alguém se mantém de forma diferente da esperada, estruturalmente é repreendido para que se mantenha no modelo padronizado. Logo, se desvia, se torna alvo de violência. Portanto, o público LGBT é um dos coletivos mais mirados a essa condição de reparação, tendo em vista que, moralmente e religiosamente, são percebidos como desfavoráveis e destruidores da norma hegemônica de família tradicional, caracterizada comumente por um pai, mãe e filhos, uma família nuclear. Dentro disso, esses fatores podem levar sujeitos à se omitirem e a se fecharem, tornando-se não possível percebê-los/as em determinados espaços. A escola, por sua vez, pode atuar como um destes espaços repressores, onde estes sujeitos podem se retrair para não sofrerem ataques de violência, sejam elas físicas e/ou psicológicas.

3 NO LIMITE DA VISIBILIDADE: A ESCOLA

Durante o processo de observação do espaço escolar e da rotina estudantil, dentro e fora de sala de aula, percebe-se o quanto os corpos podem ser condicionados a fatores de disciplinamento. Quando se busca tratar sobre tal disciplina, gerando comportamentos aceitáveis, leva-se em consideração o aspecto de não percepção de sujeitos LGBT’s nos espaços da instituição analisada, qual seja, uma escola de ensino médio localizada na região do Maciço de Baturité, sertão central do Ceará⁹, precisamente no município de Redenção.

Em uma das observações, se tornou evidente o quanto indivíduos, publicamente, demonstram com orgulho a orientação sexual heterossexual. Além, evidencia-se o quanto proferem palavras e frases que estigmatizam sujeitos que se diferem desta norma. Dentre essas palavras, é perceptível que o fato de não se parecer LGBT é o fator de maior preocupação.

⁹ Cabe referir, a partir do monitoramento do Grupo Gay da Bahia, o Ceará é o quarto estado que mais mata LGBT’s no Brasil, de acordo com o relatório de 2017. Ainda, o Ceará ocupa a terceira posição no Nordeste com 3,33 assassinatos por grupo de mil habitantes, atrás apenas dos estados de Alagoas e Paraíba.

Portanto, julga-se o outro¹⁰ como um sujeito que está agindo de modo contrário à norma, na tentativa de mostrar virilidade e masculinidade. Frases muito comuns durante as observações são: “Não sou veado, veado é você”; “Sai daqui veadinho”; “Não gosta de mulher não?”¹¹. Logo, inferiorizar o outro é mais importante do que pertencer a condição na qual consideram um fator desviante e errado, sendo uma causa de “vergonha” coletiva.

Os intervalos das aulas são os momentos nos quais os meninos proferem esses tipos de comentários de caráter homofóbico: os espaços abertos e as ocasiões de práticas de lazer são as circunstâncias mais propícias a se afirmarem estes conteúdos ofensivos. Exemplificando, no pátio da escola analisada, existem equipamentos de jogos, como pebolim e tênis de mesa. Esses equipamentos são utilizados, majoritariamente, por meninos, sendo observado que, sujeitos LGBT’s não costumam se aproximar de tais jogos. Porém, em uma das observações, um estudante homossexual, ao tentar participar das brincadeiras, foi preterido e acabou não tendo a oportunidade de participar da atividade recreativa entre colegas. Todos, nesse instante, eram estudantes da mesma turma, aparentemente. Notamos que o estudante homossexual, ao observar olhares de censura, recuou do seu desejo de participar, demonstrando estar envergonhado ao não ser atendido. Portanto, se percebeu que a inclusão de sujeitos LGBT’s em práticas “masculinizadas” não é comum, havendo exclusão e silenciamento.

Em ambiente de sala de aula, durante as aulas da disciplina de Sociologia, não são comuns tipos de comentários homofóbicos e que inferiorizam sujeitos que se enquadrem na condição de desvio das normas de gênero e sexualidades que são institucionalizadas socialmente. Porém, através das observações, é nesse espaço da sala de aula – especificamente – que surge o principal meio de controle dos corpos, pois é o silenciamento que permite que uma normatividade predomine. Desse modo, quando se destaca que a presença de sujeitos LGBT’s seja ausente e/ou não perceptível, é devido ao fato de se atentar a uma condição de internalização dessas normas sociais, as quais fazem com que o indivíduo acabe que por sentir medo de sofrer algum tipo de repressão por parte de colegas. Quando se é dito que, no espaço de sala de aula existe um silenciamento de corpos dissidentes da heteronorma, se observou que, por mais que existam sujeitos que sejam LGBT’s, estes se tornavam irreconhecíveis/ausentes,

¹⁰ Essas palavras e frases surgem, na maioria das vezes, por adolescentes masculinos, quase não sendo perceptível partirem de adolescentes femininas. Logo, acredita-se que a homossexualidade deve se distanciar mais ainda do masculino, tendo em vista que, “jogam” de um para o outro a condição desviante, como se fosse algo errado diante dos demais sujeitos.

¹¹ Essas frases que inferiorizam, são mais comuns de serem proferidas em momentos de intervalo, sendo pouco percebido em horários de sala de aula. Logo, se entende que o intervalo, o espaço aberto, torna-se um ambiente livre para propagação de normatividades de gênero e sexualidade pelos/as estudantes que assim proferem.

muitas vezes, por não falarem ou se exporem como são, permanecendo sempre em silêncio durante as aulas.

É muito comum que se perceba estudantes com comportamentos fora do padrão de masculinidade nesses ambientes, o que dificulta compreendê-los/as como sujeitos abertamente homossexuais¹², pois, assumem uma posição de recuo, sempre se mantendo calados em seus espaços e, em proximidade com meninas, o que permite que comentários, principalmente em horários de intervalo, sejam proferidos por meninos heterossexuais, identificando que, se o sujeito masculino se mantém em proximidade constante com as meninas, logo, este é considerado homossexual, pois, para o padrão de masculinidade observado, torna-se necessário que os meninos tenham cumplicidade entre os mesmos, afastando-se do universo e sociabilidades femininos¹³.

Nas observações que se seguiram, foi evidente que a temática de gênero e sexualidades não é tratada em ambiente de sala de aula, por mais que, reiteradamente, seja dito pelo docente responsável pela disciplina de Sociologia que a temática é amplamente discutida. Porém, não observamos essa prática como algo comum e constante, conforme acompanhamento das aulas. Tal ausência deste debate, inclusive, foi alvo de questionamento por parte de alguns discentes. Este questionamento foi observado em uma das aulas e partiu das meninas. Logo, verificamos que os meninos não se mostravam descontentes com a exiguidade de debates que envolvem temáticas de gênero e sexualidades.

Neste aspecto, durante a III Semana da Sociologia, evento promovido pela instituição analisada, em parceria com o curso de Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), o qual é aberto às escolas da região, houve algumas rodas de conversas, mediadas pelos/as estudantes estagiários/as da referida disciplina e observou-se que, em uma roda de conversa com a temática de gênero, houve poucas participações, quando se comparada a outras rodas com conteúdos diversos. O público participante da roda de conversa que discutiu gênero era, primordialmente, feminino e, também, estudantes LGBT's. Desse modo, se observa que, por mais que muitos estudantes afirmem não haver debates sobre a temática, momentos como estes se mostram como importantes de serem oportunizados¹⁴, ainda que a participação não seja tão efetiva.

¹² É mais comum perceber homossexuais masculinos nos ambientes da escola. Porém, também se percebe o quanto seus corpos são adequados aos padrões de masculinidade, o que dificulta percebê-los, na maioria das vezes.

¹³ Esse tipo de pensamento é muito naturalizado no espaço escolar, assim como no espaço familiar e religioso.

¹⁴ Na ocasião, no debate com o pequeno público estudantil, foi sugerida a construção de um painel com as opiniões dos participantes sobre o que eles/as consideravam ser gênero. Este painel foi grudado em uma parede da escola

A partir disso, chega-se a problematizar sobre as próprias normatividades que perduram dentro do espaço escolar, as quais alcançam os estudantes que não se enquadram nesses requisitos sociais. Essas normatividades são percebidas através da própria reclusão dos estudantes LGBT's, os quais acabam por se isolarem, principalmente nos momentos de intervalo entre as aulas, mantendo-se em silêncio e/ou na companhia de meninas, como se estas fossem o único público que os sujeitos homossexuais podem se aproximar, tendo em vista que os adolescentes heterossexuais preferem não se aproximar dos sujeitos LGBT's, pois, visivelmente, não querem ser atrelados à companhia de sujeitos que estão fora da 'norma'.

Logo, acredita-se que se ocorressem amplos debates sobre a temática, padrões poderiam ser desmistificados e repensados, permitindo que os sujeitos possam se sentir mais aceitos e confortáveis no ambiente escolar.

Entende-se que os padrões sociais da sociedade invadem o espaço escolar, de modo espontâneo e automático, não permitindo, na maioria das ocasiões, disparidades de opiniões. Desse modo, se existe um padrão definido socialmente, a escola, assim como as demais instituições sociais, busca que esses comportamentos sejam mantidos e normalizados dentro do ambiente. Surge todo um condicionante de controle, criando no sujeito que não se enquadra nesse padrão uma condição de vergonha interior¹⁵, não sentindo-se aceito/a, devido às condições impostas. Logo, imagina-se uma condição de controle e comportamento moral, na qual somos condicionados/as desde o nascimento, estando a família na principal tarefa de adequar os comportamentos, em modo inicial e, posteriormente, a escola.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, por meio das observações realizadas ao longo da disciplina de Estágio Supervisionado I e no Programa de Residência Pedagógica, sujeitos LGBT's na escola analisada tornam-se indivíduos ausentes e/ou não perceptíveis. Desse modo, acredita-se que a condição de debates sobre gênero e sexualidade, que é frágil, reforça a manutenção de matrizes

pelos participantes, mediante autorização da coordenação escolar. Porém, uma semana após, o painel não se encontrava mais na parede na qual foi grudada, permanecendo outros cartazes. Logo, isso leva ao questionamento sobre a abertura da escola em abordar tal temática.

¹⁵ O sentimento de vergonha surge por se sentir "perdido/a" diante de uma condição que é socialmente dita e repetida diversas vezes. Logo, o comportamento é reprimido, gerando vergonha por não conseguir se adequar seu corpo ao que se espera.

heterossexuais hegemônicas, pois como um sujeito pode se sentir aceito/incluído se não existe conhecimento disseminado dentro do próprio espaço¹⁶? Como a escola, como lugar de construção de conhecimento e de uma educação cidadã, também atua como mais um agente repressivo de corpos e sexualidade ao não abordar temas que desestruturam o padrão heteronormativo?

Portanto, discussões deste cunho se fazem necessárias e urgentes, tendo em vista a desconstrução por parte dos estudantes sobre a realidade social na qual esses sujeitos se incluem. Acredita-se que debates amplos sobre esses aspectos devam se abrir à toda comunidade escolar, pois existem termos e frases pejorativos e ofensivos que são proferidos por funcionários - inclusive docentes - que são naturalizados no espaço escolar. Quando se destaca este aspecto, refere-se a uma das observações realizadas ao longo do período escolar, na qual verificamos comportamentos inadequados advindos de um docente, ao se atentar para um caso de representação machista de um menino para uma menina, este docente incentivou que este episódio fosse esquecido, sem qualquer reflexão crítica sobre o fato, atitude possivelmente orientada por um pensamento de normalidade diante da situação.

Casos como estes, representando todo um conjunto de relações de gênero que penduram em largos tempos devido a uma condição patriarcal, heterossexista, devem ser combatidos, dentro e fora do ambiente escolar, pois afetam negativamente comportamentos e formas de ver o mundo. Desse modo, combatendo esses tipos de atitudes, sejam estas provenientes de docentes, estudantes e funcionários/as, um novo ambiente escolar pode ser reconstruído, pautado no respeito, aceitação e valorização do sujeito em sua diversidade e pluralidade de identidades.

REFERÊNCIAS

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BENTO, Berenice Alves de Melo. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

¹⁶ Ao se destacar esse ponto, como muitos sujeitos LGBT's podem se reconhecer sem antes ter um conhecimento sobre sua própria realidade? Este questionamento surge, pois, é comum que, no ambiente escolar, muitos sujeitos não tenham tanto conhecimento sobre a própria configuração destes enquanto sujeitos, tendo em vista que sofrem muita influência do espaço familiar e, na maioria das vezes, da própria condição religiosa, não permitindo-se abrir à conhecimentos da condição subjetiva. Logo, é importante que a escola trabalhe com esses aspectos.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. *In*: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre; (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Currículo heteronormativo e cotidiano escolar. **Espaço do Currículo**, João Pessoa, v. 2, n. 02, p. 208-230, 2009.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

REIS, Toni. **Homofobia no ambiente educacional**: o silêncio está gritando. Curitiba: Appris, 2015.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, Natal, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 02, p. 71-99, 1995.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Florianópolis, n. 28, janeiro-junho de 2007.

Autor

Antoniél do Nascimento Vidal

Graduando em Sociologia (Licenciatura) e Graduado em Humanidades (Bacharelado) pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB e Graduado em Gestão de Recursos Humanos (Graduação Tecnológica) pelo Centro Universitário Estácio do Ceará - Estácio FIC. Atualmente é bolsista do Programa de Residência Pedagógica - CAPES - na mesma Universidade, atuando na Escola Dr. Brunilo Jacó - Redenção/CE.